



PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: a comunicação como estratégia para uma gestão inclusiva em tempos de pandemia

Luan Matheus dos Santos Santana¹

Ranyelle dos Santos Lopes²

Rosemere Impéres Lira³

RESUMO

Este artigo teve como objetivo refletir sobre as práticas educativas e comunicativas da Escola Santo Afonso Rodriguez, localizada em Teresina, Piauí - BR, durante o período da Pandemia da Covid-19, a fim de compreender de que forma sua aplicação proporcionou a criação de novos espaços de inclusão social para as famílias e estudantes ligados a esta unidade de ensino. Ao longo da análise foi possível observar o surgimento de inúmeros canais de diálogo e comunicação, possibilitados a partir da compreensão da importância da comunicação como uma prática integrativa do conjunto dos setores e atividades escolares.

Palavras-chave: comunicação; gestão escolar; inclusão social; família.

ABSTRACT

This article aimed to reflect on the educational and communicative practices of Santo Afonso Rodriguez school, located in Teresina city, state of Piauí - Brazil, having the Covid-19 Pandemic as context, in order to understand how the application of these educational practices provided the creation of new spaces for social inclusion for families and students connected to this teaching unit. Throughout the analysis, it was possible to observe the emergence of numerous dialogue and communication channels created from an understanding of the importance of communication as an integration factor of the set of school and educational activities.

Keywords: communication; school management; social inclusion; family.

¹ Jornalista, doutorando em Comunicação pelo PPGCOM UFC e assessor de comunicação da Escola Santos Afonso Rodriguez.

² Psicóloga, coordenadora do Serviço de Atendimento Educacional Especializado da Escola Santo Afonso Rodriguez.

³ Pedagoga, mestre em Gestão Educacional pela UNISINOS e Diretora Geral da Escola Santo Afonso Rodriguez.



1. INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 trouxe para as escolas um contexto nunca antes visto ou experimentado na história da humanidade, assim como foi para diversos setores da nossa sociedade. Desde o início de 2020, o distanciamento social tornou-se o mecanismo mais eficaz de controle da pandemia. As escolas, ambiente de amplo contato e interação social, precisaram ficar vazias. Os estudantes trocaram as salas de aula pelas salas e quartos de suas casas, o contato com os professores agora precisa ser intermediado pelos computadores e celulares.

Diante disso, as formas de comunicação entre escola, famílias e estudantes teve que mudar. O avanço da internet e as conexões a distância trouxeram possibilidades que ampliaram a capacidade de resposta à essas limitações impostas pela crise sanitária. A tecnologia, todavia, não é algo que caminha sozinha ou que aponta todas as respostas. Dela, dependem uma gama de análises e compreensões sociais e políticas que condicionam sua eficácia e eficiência.

Neste artigo buscamos refletir, sob a ótica da comunicação, da gestão e da inclusão social, quais desafios foram colocados no cotidiano da Escola Santo Afonso Rodriguez (ESAR) durante o

período da Pandemia da Covid-19 e quais saídas foram apontadas para a construção de pontes comunicativas capazes de promover uma gestão inclusiva, uma interação entre escola e família e, além disso, manter o diálogo permanente entre estudantes, professores, famílias e gestores.

Para tanto, propomos analisar esses desafios cotidianos a partir da articulação de elementos teóricos que possam fornecer subsídios relevantes para compreender, não apenas as práticas desenvolvidas, mas de que forma elas geram impacto na gestão escolar e na inclusão social das famílias e comunidades nas quais a escola está ligada. Fazemos isso desde o referencial de educação jesuíta e suas aplicações no cotidiano das escolas.

2. A COMUNICAÇÃO NO ÂMBITO DAS ESCOLAS JESUÍTAS

Partimos de uma pergunta inicial: o que é comunicação? A princípio, parece ser algo simples de se responder, mas um olhar mais aprofundado nos mostra o tamanho da complexidade que a comunicação carrega consigo desde o surgimento das sociedades até os dias de hoje. Ela é elemento basilar e estrutural das relações sociais, responsável (dentre outras coisas) pelas interações de corpos



e sentidos, pelo compartilhamento de saberes e informações, pela ordenação de princípios éticos e morais, assim como pela preservação da nossa história e memória. A comunicação está em casa, no trabalho, nas salas de aulas, mas também está nos debates públicos, nas disputas políticas, econômicas e sociais.

Buscando na etimologia da palavra, comunicação tem origem no latim “communicare” e quer dizer partilhar, tornar comum. O dicionário Michaelis (2015), define comunicação como o “ato que envolve a transmissão e a recepção de mensagens entre o transmissor e o receptor, através da linguagem oral, escrita ou gestual, por meio de sistemas convencionados de signos e símbolos.”.

Para as escolas Jesuítas, segundo González (2020), a comunicação é um elemento central e não pode ser uma exceção dentro do ambiente escolar. Mas aqui, é importante destacar, não se trata de uma comunicação baseada no senso comum, mas em uma comunicação personalizada, que permeia todas as áreas da escola e requer algumas diretrizes comuns (GONZÁLEZ, 2020).

A estrutura da Companhia [de Jesus] tem na comunicação um dos seus elementos-chave [...]. A comunicação foi fundamental [para Santo Inácio e seus companheiros] para compartilhar suas experiências,

discernir juntos, entender o que deveriam fazer, abrindo novos horizontes nessa missão (SOSA, 2017).

As palavras do Sosa (2017), trazem a comunicação para um lugar de centralidade, mas também de responsabilidade coletiva. Em mensagem para o dia mundial das comunicações sociais, o Papa Francisco (2021) reafirma que “todos somos responsáveis pela comunicação que fazemos, pelas informações que damos [...] Todos estamos chamados a ser testemunhas da verdade: a ir, ver e partilhar”.

Tudo o que fazemos comunica algo ou alguma coisa para alguém. Nas escolas, nossas comunicações (de sentidos, de palavras, de gestos, de expressões, de atitudes) são mais que um “querer dizer algo ou alguma coisa”, são elementos educativos para nossas crianças e jovens. Entender o que o mundo comunica é importante para entender como iremos comunicar.

Muitas vezes, o mundo está transmitindo uma comunicação privatizada por poderosos grupos econômicos com interesses que vão contra o Evangelho e promovem a corrupção, o consumismo, o hedonismo, a violência etc. [...] A comunicação dos colégios jesuítas precisa esclarecer esses contravalores (GONZÁLEZ, 2020, p. 7).



Nesse sentido, todas as ações da escola devem levar em consideração os elementos comunicativos, sua importância e as consequências que podem ser geradas a partir deles. Paulo Freire (2013) destaca a comunicação como um fator fundamental nas escolas, uma vez que ela alimenta os processos de relacionamentos, interação e aprendizado. Ao afirmar a educação como um processo dinâmico, de construção horizontal, democrática, coletiva e reflexiva, Freire (2013) também convoca para uma prática comunicativa que siga os mesmos princípios. Ou seja, “a comunicação verdadeira não nos parece estar na exclusiva transferência ou transmissão de conhecimento de um sujeito a outro, mas em sua co-participação no ato de compreender a significação do significado” (FREIRE, 2013, p. 16).

3. O PAPEL DA GESTÃO NO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA

Estabelecemos como foco, em toda e qualquer escola, a aprendizagem significativa de seus estudantes, mas para tanto é necessário que desenvolvamos uma prática participativa e comunicativa, que envolva toda a comunidade educativa nos seus processos

decisórios. Aqui destacamos, como elemento fundamental para o desenvolvimento dessa prática a gestão da escola, ela é a instância de motivação aos movimentos existentes no contexto escolar.

Nesse contexto, concebemos que são dois os âmbitos especificamente em que, habitualmente, se desenvolve a vida do ser humano: a família e a escola. Aí está, portanto, a importância de que ambas, com suas características específicas, avancem juntas com a tarefa comum de favorecer o desenvolvimento harmônico de crianças e adolescentes inseridas nessas duas instituições.

Então, sendo a família a instituição primaz no que se refere à educação, pois é dela que se origina a base pedagógica do ato de aprender e da ação educativa e é nela, que, primeiramente, o indivíduo vivencia o saber aprender, que logo depois também é vivenciado na escola, faremos a seguir algumas considerações acerca da importância da relação saudável entre escola e família para a aprendizagem dos estudantes.



Nesse sentido, o processo de educação escolar vem auxiliar e aliar-se ao processo de educação iniciado no seio familiar, de modo que juntas, escola e família, resultem na garantia de uma formação que de fato seja aspecto de inserção de crianças e adolescentes no meio social e cultural em que vivem, de forma que eles possam agir e intervir no mundo autonomamente.

Assim, compreendemos que há um caminho a ser percorrido para que a escola mantenha uma relação feliz e comunicativa com as famílias dos seus estudantes, para que se estabeleça uma boa aliança entre ambas. Esse caminho aponta que a escola não deve permitir que o principal motivo do afastamento dos pais em relação à escola, atrás da baixa renda e do baixo nível de escolaridade das famílias, seja a má relação com a comunidade escolar. Por isso, é importante que as famílias digam como elas a veem, de como gostariam que ela fosse e quais são suas expectativas em relação ao espaço escolar.

Entendemos que a educação é um projeto que não se desenvolve

sozinho, é necessário o empenho de todos (gestores, professores, estudantes e famílias) para que tenhamos escolas sempre abertas a novas aprendizagens.

Para Freire (1991) vislumbrar um que fazer participativo e colaborativo, fazendo e refazendo, acreditando que somente juntos podemos potencializar a aprendizagem dos estudantes, se apresenta como imperioso no contexto de qualquer escola.

Dessa forma, a escola, no seu dia a dia, deve se abrir à participação efetiva e colaborativa das famílias e construir com elas uma relação dialógica, comunicativa e crítica. Isso oportunizará o entendimento de que a escola, concomitantemente, é parceira essencial da família na formação e educação de crianças e jovens, pois colabora para o crescimento intelectual, cultural, social, crítico, científico e espiritual daqueles que são o foco da instituição escolar – os estudantes.

Para Fraiman (2015, p. 295) “Os pais estão o tempo todo influenciando os filhos, ao expressar crenças, conceitos, preconceitos,



gostos, preferências, valores, a forma como vêm a escola e seu próprio trabalho”. Sendo assim, corroborando com o autor, a família deve ser convidada a estar presente e inserida no contexto escolar, uma vez que da mesma forma que não se pode desistir de um aluno, não devemos desistir da sua família.

É com base nisso que reconhecemos o quão importante é, para o bom desenvolvimento de crianças e adolescentes, o próximo relacionamento de pais e escola, porque:

[...] o ingrediente essencial para o êxito da maioria das crianças na escola é uma relação positiva com os pais e com o envolvimento deles em assuntos intelectuais. A criança deseja ter acesso a tudo o que é importante para os pais a quem ama; quer aprender mais sobre as coisas que significa tanto para eles. (BETTELHEIM, 1988, p. 64).

Com vistas nessas ponderações, verificamos o desafio que se apresenta às escolas: fomentar e estabelecer formas de comunicação eficazes com as famílias, esclarecendo o papel de cada uma

das instâncias envolvidas no processo de desenvolvimento e ensino-aprendizagem dos estudantes, e repassar os conteúdos socialmente construídos para que haja uma mudança e evolução da sociedade

4. A INCLUSÃO SOCIAL COMO DESAFIO COMUNICACIONAL NO ÂMBITO ESCOLAR E FAMILIAR

Segundo Amparo (2008), a escola assume uma função que tem possibilitado diversos questionamentos sobre o risco e a proteção de crianças e adolescentes, “não podendo ser considerada apenas como um espaço para a aprendizagem formal ou desenvolvimento da cognição, mas como uma oportunidade fundamental para a socialização de jovens (AMPARO et al., 2008, p. 73).

Assim, a comunicação entre a família e a escola faz-se critério fundamental para a sociedade moderna. E quando falamos em famílias e estudantes em situação de vulnerabilidade social, o relacionamento entre ambas adquire uma proporção diferenciada, tendo em



vista que pela falta de recursos financeiros, sociais, assistenciais e até comunicacionais, as famílias dependem das orientações e informações da escola para adquirir conhecimento sobre seus direitos, deveres e, até mesmo, compreender demandas sociais.

Nessas famílias a escola é vista como garantia de mudança social, sendo o único meio dos jovens conseguirem um futuro promissor, diferente do grupo familiar e comunitário que estão inseridos. Porém, essa “significação sobre futuro melhor, que nada mais é do que um futuro diferente do presente” (Bock, 2019), faz-se necessário a escola avançar em questões sociais e políticas para que de fato os estudantes possam vencer o ciclo de vulnerabilidade e avancem na conquista da cidadania.

Segundo Souza (2006),

O conceito de inclusão social está diretamente relacionado ao de cidadania. Ser cidadão é ter acesso às oportunidades oferecidas pela sociedade em que se vive, é poder participar de forma plena na sociedade nos diferentes níveis em que ela se organiza e se exprime:

ambiental, cultural, econômico, político e social. (SOUZA, 2006, p.42).

O Projeto Educativo Comum – PEC, da Rede Jesuíta de Educação – RJE, publicado em 2016, propõe orientações e direcionamentos para as escolas da rede, nele consta que:

A educação que oferecemos será inclusiva, pautada em valores éticos e cristãos, uma vez que acreditamos ser possível educar crianças, adolescentes e jovens para que sejam conscientes, competentes, compassivos e comprometidos na construção de um mundo mais justo, fraterno, solidário, inclusivo e cristão. (PEC, 2016, p.15).

E traz como objetivo principal para as escolas da Rede Jesuíta, empreender “uma educação com incidência política e social, uma educação para a cidadania” (PEC, 2016, p.15). Fica claro a preocupação para que a escola seja um ambiente que possibilite a mobilidade social, que busque promover a inclusão social e não apenas contribuir para um futuro diferente do presente.

O PEC reconhece que a “comunicação é dimensão e meio de integração e partilha de informações que viabiliza a missão do colégio”



(PEC, 2016, p. 71), corroborando com os pesquisadores e estudiosos que defendem a comunicação família-escola como ponto primordial para o desenvolvimento dos estudantes.

Nesse sentido, as escolas são desafiadas a promover diferentes espaços de comunicação com as famílias, bem como, diferentes objetos de comunicação, colocando em pauta não apenas os conteúdos pedagógicos, mas disponibilizando às famílias espaços para troca de experiências e informações de cunho social e político, que promovam a busca por direitos e deveres, sociais e políticos, promovendo, de fato a inclusão social das camadas mais vulneráveis. Como defende Souza (2006), a escola, atualmente é vista como

instituição socialmente encarregada de socializar o saber historicamente desenvolvido pela sociedade e de desenvolver as competências necessárias para o exercício da

cidadania, é uma das instituições que ocupa um lugar fundamental no processo de apropriação das tecnologias e dos processos comunicacionais (SOUZA, 2006, p. 48).

5. REINVENÇÃO DA ESCOLA SANTO AFONSO RODRIGUEZ (ESAR) EM TEMPOS DE PANDEMIA

A Escola Santo Afonso Rodriguez, obra social da Companhia de Jesus, localizada na cidade de Teresina/Piauí, atualmente atende 786 estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio ofertando, por meio de processo seletivo, bolsas de estudo integrais, 100% de gratuidade, oferecidas a candidatos cuja renda familiar per capita não exceda o valor de 1 ½ (um e meio) salário mínimo (nacional) vigente no ano da análise socioeconômica, conforme relatado no artigo 14 §1º da Lei da Filantropia nº 12.101/09.



Figura 1 – Imagens da Escola Santo Afonso Rodriguez



Fonte: Acervo da escola.

Desde o dia 17 de março de 2020, quando paralisamos nossas atividades presenciais na Escola, em detrimento da pandemia causada pelo novo coronavírus, foi necessário estabelecermos um processo de ampliação/qualificação dos mecanismos de comunicação com nossos estudantes e suas famílias.

Primeiro, criamos estratégias de comunicação com as famílias para explicar o que estava acontecendo, não somente em nossa Escola, mas em todo o planeta Terra: Isolamento social, uso de máscaras, uso de álcool em gel, distanciamento entre as pessoas, cumprimento de protocolo sanitário etc. Não foi fácil, fomos pegos de surpresa, todos nos assustamos, entretanto, o envolvimento de todos foi o diferencial

para que conseguíssemos minimizar o sofrimento causado por esse vírus.

Neste momento, preocupada, em primeiro plano, com a situação da maioria das famílias pois neste período muitas mães e pais da nossa comunidade educativa perderam seus empregos, fizemos a distribuição de cestas básicas a todas as famílias dos estudantes.

Segundo, levando em consideração as limitações das famílias em relação ao uso das tecnologias ou infraestrutura insuficiente para o uso de tais tecnologias foi preciso pensarmos em estratégias, para além da internet, de forma a estabelecermos mecanismos comunicativos para garantir o acesso de todos às atividades planejadas pela Escola, garantindo assim, uma



inclusão social àqueles que já são excluídos pelo percurso natural da vida que tem.

Elencamos a seguir algumas das estratégias que utilizamos para aproximar os estudantes e famílias à Escola em tempos de pandemia no período de afastamento social.

1 – Ampliamos a quantidade de equipamentos tecnológicos para atender à demanda de aulas remotas;

2 – Seguimos um projeto de formação docente, em parceria com a Rede Jesuíta de Educação, para o uso da plataforma teams, que seria utilizada para as aulas;

3 – Em parceria com a Editora dos livros didáticos adotados pela Escola, disponibilizamos todos os livros em arquivo para que os estudantes pudessem acompanhar as aulas, uma vez que não seria permitido o uso do livro físico que encontrava-se na Escola;

4 – Criamos grupos de whatsapp com famílias e estudantes para o envio de orientações e atividades àqueles que não tinham acesso às plataformas já mencionadas;

5 – Para os que não possuíam acesso à internet, produzimos atividades digitadas que foram entregues às famílias para devolução à Escola através de agendamento, evitando aglomeração na Escola.

Terceiro, após autorização das autoridades públicas, fomos liberados ao retorno de forma presencial, desde que seguíssemos todas as exigências contidas no protocolo sanitário elaborado pelo Governo do Estado do Piauí.

Assim, para que pudéssemos voltar ao convívio presencial com estudantes, docentes e demais colaboradores seguimos a seguinte rota:

1 – A partir do protocolo geral do governo do Estado, elaboramos um específico atendendo as nossas especificidades que fora divulgado para toda a comunidade educativa (através do site e redes sociais);

2 – Sinalizamos a Escola, conforme orientações contidas



no protocolo, e apresentamos às famílias a fim de perceberem que seus filhos estariam voltando para um ambiente seguro;

3 – Realizamos pesquisa sobre o interesse dos pais em autorizar ou não os filhos ao retorno presencial à Escola;

4 – Organizamos o espaço físico da Escola para que pudéssemos receber nossos estudantes de forma gradativa garantindo o previsto no protocolo.

Hoje, com a expansão da vacina em nosso Estado e a imunização dos professores e demais colaboradores da educação, nos sentimos mais confiantes de que dias melhores virão, mas ainda com muito cuidado. Não temos todos os estudantes presencialmente, seguimos no formato híbrido (presencial e remoto), mas preparados e ansiosos para que isto aconteça com brevidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da covid-19 impôs novos comportamentos, novas formas de relacionamento pessoal e profissional. Para as escolas, impôs o desafio de continuar proporcionando uma aprendizagem de qualidade e um relacionamento próximo com os alunos e famílias, porém no modelo remoto. Ela exigiu a reinvenção do fazer pedagógico e a reinvenção do papel da escola na vida dos estudantes.

Nesse período, mais do que nunca, ficou claro que a escola tem um papel muito maior na vida dos estudantes, principalmente aqueles em situação de vulnerabilidade social. Propor novas formas de se comunicar com as famílias e estudantes, esclarecendo para eles o novo contexto de saúde pública que se apresentava. A escola Santo Afonso Rodriguez, como tantas outras, precisou abarcar esse conhecimento acerca da segurança em saúde, para amenizar os efeitos da pandemia nas famílias e comunidades circunvizinhas.

Divulgar protocolos de distanciamento, de higienização das mãos, dos objetos e dos alimentos,



comportamentos de autocuidado e cuidado com o outro, atividades de zelo com a saúde mental, passou a fazer parte da comunicação diária entre a escola e as famílias. Isso com o intuito de amenizar o distanciamento social e comunicacional existente entre os estudantes e famílias atendidas pela escola, aumentando a incidência de comportamentos de segurança em saúde para proteção de todos.

Enfim, frente aos apontamentos apresentados concluímos destacando que uma comunicação eficaz, portanto, exige de nós mais que conhecimentos técnicos do fazer comunicativo. Ela pede integração, envolvimento, efetividade, solidariedade e empatia. Está, dessa

forma, situada entre o objetivo e o subjetivo, entre o concreto e o invisível.

Uma comunicação eficaz, sobretudo nas escolas jesuítas, é aquela que consegue, com clareza, informar e explicitar valores coletivos, promover inclusão participativa, horizontal e reflexiva dos processos e, ao mesmo, promover transformações, individuais e coletivas, nas atitudes e ações dos sujeitos envolvidos nesses processos.

Dessa forma uma comunicação eficaz (para uma gestão inclusiva e eficaz) só é possível a partir de uma compressão multidisciplinar e integrativa, onde a comunicação seja parte indissociável dos processos geradores de práticas inclusivas.



REFERÊNCIAS

AMPARO, Deise Matos do et al. A escola e as perspectivas educacionais de jovens em situação de risco. **Psicologia Escolar e Educacional**. v. 12, n. 1. 2008, pp. 69-88. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000100006>. Acessado em: 11 jun. 2021.

BOCK, Ana Mercês Bahia. Desigualdades e educação: a dimensão subjetiva da escolarização. **Diálogos - Psicologia e Educação**. Brasília-DF, ano 15, n. 11, p. 55-61, 2019.

BETTELHEIM, Bruno. **Uma vida para seu filho: pais bons o bastante**. São Paulo, SP: Campus, 1988.

FRAIMAN, Leo. **Como ensinar bem a crianças e adolescentes**. São Paulo: Metodologia OPEE, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do Papa Francisco para o LV Dia Mundial Das Comunicações Sociais**, 2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20210123_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: jun. 2021.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. 4. ed. São Paulo. Cortez, 1991.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?**. 16. ed. Editora: Paz e Terra. Rio de Janeiro. 2013.

GONZÁLEZ, Javier. **Comunicação em um colégio jesuíta do século XXI: elementos para reflexão**. FLACSI, 2020.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O rosto e a máquina: O fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico**. São Paulo: Paulus, 2013.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. 2015. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portuguesbrasileiro/comunica%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 15 jun. 2021.

POLONIA, Ana da Costa e DESSEN, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das relações entre família escola. **Psicologia Escolar e Educacional**. 2005, v. 9, n. 2], pp. 303-312. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572005000200012>. Acesso em: 11 jun. 2021.

Rede Jesuíta de Educação. **PEC (Projeto Educativo Comum)**. São Paulo: Ed. Loyola, 2016.



SOUZA, Luciano Simões de. **A educação pela comunicação como estratégia de inclusão social: o caso da escola interativa.** Dissertação (Mestrado em ciências da comunicação). Centro de ciências da comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2006. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/26155>. Acesso em: 11 jun. 2021.

SOSA S.J., Arturo. **Vídeo de boas-vindas ao Encontro de Comunicação da CPAL.** Córdoba, Argentina, 2017.

SOSA S.J., Arturo. **Mensagem inicial no Encontro de Diretores de Comunicação das Conferências Jesuítas.** Cúria Geral, Roma, Itália, 2019.